



IDEIAS PARA O  
DESENVOLVIMENTO  
DE COMPETÊNCIAS  
SOCIOEMOCIONAIS



---

# *Amabilidade*

# SUMÁRIO

---

**Introdução**

**03**

**Amabilidade: que macrocompetência é essa?**

Quais são as competências relacionadas à amabilidade?  
Qual a importância da amabilidade do professor  
para seu fazer docente e para a vida?

**06**

**Como desenvolver essa macrocompetência?**

Orientações gerais

**10**

**Práticas para você, educador!**

Atividades para desenvolver amabilidade

**12**

**Como atuar na mediação para que os estudantes  
desenvolvam essa macrocompetência?**

Orientações gerais

**18**

**Para conhecer mais**

**27**

**Referências**

**27**

# INTRODUÇÃO

Em momentos desafiadores que enfrentamos durante a nossa vida, seja em eventos inusitados ou situações mais comuns às nossas rotinas, sempre buscamos encontrar saídas e alternativas para superar qualquer dificuldade. Assim foi para milhões de educadores e estudantes, que tiveram de se reinventar para lidar com as circunstâncias decorrentes da pandemia do novo coronavírus, que os obrigou a se afastarem bruscamente das escolas e do convívio presencial para o trabalho e estudo remoto. Neste cenário, competências socioemocionais como tolerância ao estresse, empatia, autoconfiança, curiosidade para aprender, persistência, entre outras, têm sido ainda mais importantes para gestores, professores, estudantes e famílias atravessarem esse período e pensarem em soluções alternativas para um novo normal.

Para isso, é cada vez mais necessário criar oportunidades estruturadas para que educadores e estudantes possam se desenvolver intencionalmente em todas as suas dimensões, incluindo a dimensão socioemocional. Afinal, o autoconhecimento e as habilidades para lidar com os próprios sentimentos e emoções são tão essenciais quanto o conhecimento e o domínio de conteúdo técnico.

## COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

*são capacidades individuais que se manifestam nos modos de pensar, sentir e nos comportamentos ou atitudes para se relacionar consigo mesmo e com os outros, estabelecer objetivos, tomar decisões e enfrentar situações adversas ou novas.*

Como forma de compreender e apoiar o desenvolvimento socioemocional de cada pessoa, e buscando organizar as informações sobre esse tema com base em pesquisas, o Instituto Ayrton Senna estabeleceu uma matriz de cinco macrocompetências, desdobradas em 17 competências socioemocionais, fundamentais para a educação integral e o desenvolvimento pleno de crianças, jovens e educadores. São elas: **abertura ao novo**, **amabilidade**, **autogestão**, **resiliência emocional** e **engajamento com os outros**.



Material produzido pelo Instituto Ayrton Senna | 2020

Essa matriz de macrocompetências harmoniza-se com os aspectos socioemocionais presentes no conjunto das dez competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que norteia os currículos escolares no país a partir do compromisso com a educação integral e desenvolvimento pleno dos estudantes. Um [estudo do Instituto Ayrton Senna](#) apresenta a relação entre as macrocompetências e as 10 competências gerais da BNCC e pode contribuir no planejamento de práticas pedagógicas que visem à formação de habilidades, atitudes e valores.

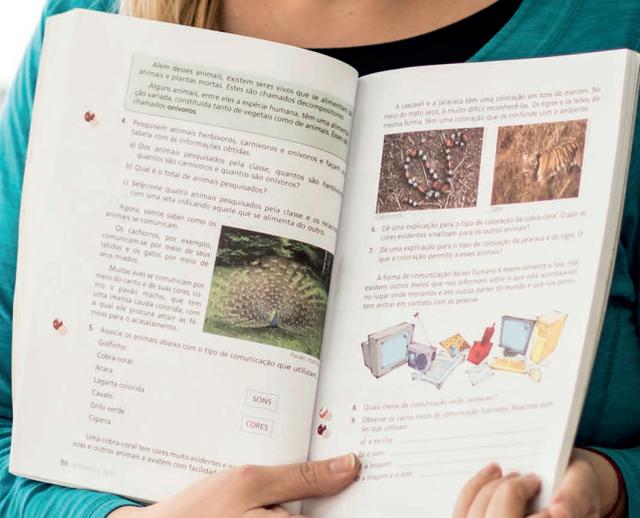
Para colaborar com professores e gestores educacionais de todo o Brasil, o Instituto Ayrton Senna criou este conjunto de materiais sobre as cinco macrocompetências, que permite um mergulho nos conceitos e informações disponíveis sobre cada uma delas. Além disso, traz atividades para que o educador possa desenvolvê-las em si mesmo e orientações sobre como planejar atividades com foco no desenvolvimento socioemocional dos estudantes em diferentes contextos, seja em sala de aula ou no ensino remoto.

**Amabilidade** é o tema deste caderno. Essa macrocompetência é muito importante para as relações interpessoais e a criação de vínculos entre as pessoas, para a cooperação, colaboração e a sensação de que não se está sozinho. Empatia, respeito e confiança são as competências relacionadas à amabilidade. Ao desenvolvê-las, você é capaz de colocar-se no lugar do outro, compreender e ser sensível às suas necessidades, tendendo a agir de modo cooperativo e não egoísta, preocupado em ajudar os demais e ser solidário.

Desejamos a você uma boa leitura e ótima trajetória pelo mundo das competências socioemocionais!

### Equipe do Instituto Ayrton Senna

Foto: Ivan Franchet





## Amabilidade: que macrocompetência é essa?

**Amabilidade** é uma macrocompetência que indica o grau com que uma pessoa é capaz de agir baseada em princípios e sentimentos de compaixão, justiça, acolhimento; o quanto consegue conectar-se com os sentimentos das pessoas e se colocar no lugar do outro. Refere-se à tendência a agir de modo cooperativo e não egoísta, preocupando-se em ajudar os demais e ser solidário. O indivíduo amável apresenta preocupação com a harmonia social e valoriza a boa relação com os outros. É geralmente respeitoso, amigável, generoso, prestativo e disposto a confiar nas pessoas.

### Quais são as competências relacionadas à amabilidade?



A macrocompetência amabilidade é composta pelas competências **empatia**, **respeito** e **confiança**.

#### Empatia

Significa colocar-se no lugar do outro, de forma a compreendê-lo e preocupar-se com suas necessidades e sentimentos, oferecendo-lhe apoio.

#### Respeito

Consiste em tratar as pessoas com bondade, consideração, lealdade, tolerância e justiça, da mesma forma como gostaríamos de ser tratados.

#### Confiança

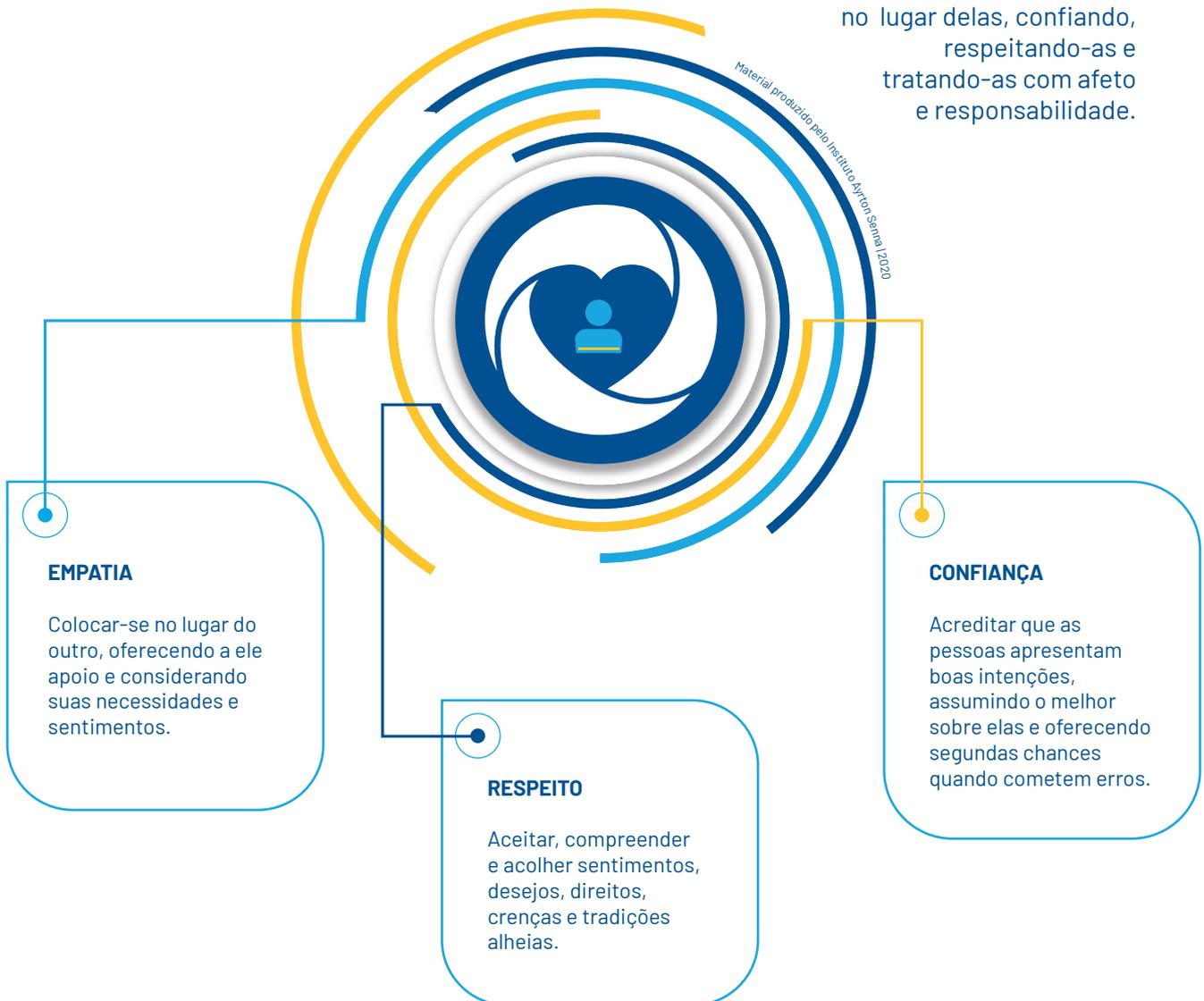
Consiste em ter expectativas positivas sobre as pessoas e acreditar que elas têm boas intenções em suas ações, assumindo o melhor sobre elas.



Veja, a seguir, os principais pontos para se lembrar sobre amabilidade:

## AMABILIDADE

Amabilidade é a capacidade de se interessar e de compreender as outras pessoas, colocando-se no lugar delas, confiando, respeitando-as e tratando-as com afeto e responsabilidade.



Mas, lembre-se, agir com amabilidade não quer dizer aceitar de maneira passiva imposições ou mesmo ter que dizer “sim” para todas as solicitações. Mais do que isso, é também conhecer e valorizar suas próprias necessidades, respeitando-se. Dessa forma, uma pessoa com níveis mais altos de amabilidade sabe respeitar, confiar e colocar-se no lugar do outro, mas também respeitar, confiar e empatizar-se com as próprias necessidades.

## Qual a importância da amabilidade do professor para seu fazer docente e para a vida?

Estudos científicos trazem evidências sobre a relação entre a macrocompetência amabilidade e resultados relevantes para a vida e prática docente.

### O que encontraram os pesquisadores:

| A amabilidade do professor se relaciona com:   | Referências  |
|--|--|
| o desenvolvimento de conhecimentos sobre o contexto no qual ensina e promoção de um ambiente positivo e acolhedor para a aprendizagem.   | <i>Pianta &amp; Hamre, 2009; Warren, 2017</i>  |
| mais qualidade e proximidade nas relações com os estudantes, considerando-os dentro de seus contextos pessoais, sociais e culturais, e proporcionando maior envolvimento deles no processo de aprendizado. | <i>Arghode, Yalvac, &amp; Liew, 2013; Cooper, 2010; Feshbach &amp; Feshbach, 2011; Good &amp; Brophy, 2000; Goroshit &amp; Hen, 2016; Kim &amp; MacCann, 2016; McAllister &amp; Irvine, 2002; Peck, Maude, &amp; Brotherson, 2015; Senler &amp; Sungur-Vural, 2013; Warren, 2013, 2014, 2015; Warren &amp; Lessner, 2014</i> |
| a busca e utilização de diferentes estratégias para favorecer a aprendizagem dos estudantes, bem como maior motivação na escolha da carreira e para ensinar.   | <i>Barr, 2011; Gehlbach &amp; Brinkworth, 2012; Gehlbach, Brinkworth, &amp; Wang, 2012; Jogovic, Marusic, Ivanec &amp; Vidovic, 2012; Üstüner, 2017; Warren, 2014; Warren &amp; Lessner, 2014</i>  |
| comportamentos de amabilidade e autorregulação emocional dos estudantes, bem como com a percepção dos mesmos de que são mais apoiados e que têm suas necessidades atendidas.                               | <i>Cooper, 2004; Kim &amp; MacCann, 2018; Kim, Dar-Nimrod, &amp; MacCann 2018; Kim, Jörg, &amp; Klassen, 2019; Pianta &amp; Hamre, 2009; Shen &amp; Zhang, 2012</i>  |





um estilo de apoio à autonomia, pois revela tendência a relações afetivas recíprocas, com escuta e compreensão.

*McAdams, Jackson, & Kirshnit, 1984; Olesen, 2011; Olesen et al., 2010; Reeve, Jang, & Jang, 2018*

seu desempenho, entusiasmo, engajamento, comprometimento, autoeficácia profissional, respeito a normas organizacionais, satisfação com o trabalho e colaboração com seus pares.

*Bowling et al., 2004; Cano-García, Padilla-Muñoz, & Carrasco-Ortiz, 2005; Enwereuzor, Onyishi, Onyebueke, Amazue, & Nwoke (2017); Eryilmaz & Kara, 2017; Jamil, Downer, & Pianta, 2012; Judge, Heller, & Mount, 2002; Kim & MacCann, 2018; Khalilzadeh & Khodi, 2018; Kim et al., 2018; Kim, Jörg, & Klassen, 2019; McIlveen & Perera, 2016; Mount et al., 1998; Organ & Lingl, 1995; Senler & Sungur-Vural, 2013; Üstüner, 2017*

Você tem interesse em conhecer mais a respeito deles?  
Consulte a seção de [referências!](#)



De forma geral, os estudos indicam que professores com amabilidade mais desenvolvida tendem a construir relações de mais qualidade, valorizando a autonomia e o envolvimento dos estudantes no processo de aprendizado. Também demonstram ter mais engajamento e satisfação com o trabalho, além de maior colaboração com seus pares. O desenvolvimento da amabilidade favorece a prática docente e, nesse sentido, é relevante pensar em ferramentas que potencializem seu uso no dia a dia.

Nas seções seguintes, apresentamos dicas e estratégias de como os educadores podem trabalhar o desenvolvimento dessa macrocompetência em si mesmos e com seus estudantes.





## Como desenvolver essa macrocompetência?

### Orientações gerais

A amabilidade apresenta uma estreita conexão com as relações interpessoais e a capacidade de colocar-se no lugar do outro e ser sensível às suas necessidades. Ela promove a criação de vínculos entre as pessoas, a cooperação e a sensação de que não se está sozinho. Uma das competências gerais docentes, apresentadas na Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores, propõe:

**“Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza, para promover ambiente colaborativo nos locais de aprendizagem.”**

*(BNC-Formação, competência geral docente nº 9, p.13, 2019)*

Você sabia que educadores com maior amabilidade tendem a desenvolver melhores relações interpessoais, mais próximas e afetuosas, e podem ser mais eficazes em envolver os estudantes nas atividades propostas? Isto é um indicativo de que construir relações de respeito, empatia e confiança, no contexto educacional, não apenas melhora o clima escolar como pode impactar positivamente nos resultados acadêmicos e sociais dos estudantes.

Mas como essa amabilidade se expressa na prática? Uma ferramenta indispensável ao exercício das práticas profissionais docentes, e que está relacionada à expressão da amabilidade, é a escuta ativa empática. Você sabe o que ela significa?

A **escuta ativa empática** é a habilidade de se conectar e se colocar no lugar do seu interlocutor, buscando um envolvimento verdadeiro com o que ele diz, suas necessidades e sentimentos. Nesse processo, é primordial ouvir com a mente aberta sem pensar em outras coisas ou preparar uma resposta. Envolve assumir uma postura de apoio e sem julgamentos.

Quando escutamos ativa e empaticamente o outro, somos capazes de organizar sua fala em nossa memória, resumi-la e fazer perguntas para confirmar se entendemos bem o que foi dito. Isso auxilia o interlocutor em seu processo de reflexão e faz com que ele se sinta seguro e apoiado para seguir em frente, bem como expressa que compreendemos o assunto e que estamos interessados e atentos. Prestar atenção aos sinais não verbais, como tom de voz e linguagem corporal, pode ser de grande valia para confirmarmos se compreendemos o que está sendo dito.

Outro ponto importante é reconhecer, em nós mesmos, fatores que nos fazem sentir escutados empaticamente quando estamos em diálogo e desejamos ser compreendidos. Algumas perguntas podem nos auxiliar a refletir e nos levar a adotar posturas favoráveis no momento do diálogo: *“Como eu gosto de ser ouvido ao conversar com alguém?”* e *“Ser escutado com respeito e empatia é algo importante para mim?”*.

Quanto mais a escuta ativa e empática é exercitada, mais ela é aperfeiçoada. Por isso, em uma próxima conversa, perceba sua escuta ativa empática e analise como ela contribui na sua interação com o outro.





# Práticas para você, educador!

Como vimos, a amabilidade é muito importante para a profissão docente e para a construção de ambientes de aprendizagem positivos e acolhedores. Agora, propomos duas atividades para que você, professor(a), possa refletir sobre práticas pautadas na empatia, confiança e respeito. Vamos juntos?

## Registrar faz a diferença!

Escrever livremente sobre suas memórias, reflexões e sentimentos contribui com o seu autoconhecimento e desenvolvimento socioemocional. Fica o convite para adotar um **Diário de Bordo** (caderno de registro) como parceiro do seu processo de aprendizagem.



## Atividade 1

### JOGO “PERCURSO PARA ESCUTA ATIVA EMPÁTICA”

|                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| Objetivo                             | Mapear como está a sua escuta ativa empática.                                      |
| Competências socioemocionais em foco | Empatia e Respeito   |
| Recursos e materiais necessários     | Suporte de registro (seja ele um caderno, Diário de Bordo, celular ou computador). |
| Duração prevista                     | 20 minutos   |

Como está a sua escuta ativa empática? Que tal realizar um jogo que lhe permitirá conhecer caminhos para aprimorá-la? Siga as instruções:

- Rememore situações em que você teve oportunidade para se conectar com o outro por meio de um diálogo, seja na sua vida pessoal ou profissional;
- Agora, inicie o percurso do jogo, conforme o infográfico abaixo! Cada pergunta corresponde a uma prática que potencializa sua escuta ativa empática.
- Reflita de acordo com sua vivência, considerando as seguintes opções de resposta para cada pergunta: **“Tenho facilidade!”**, **“Encontro desafios!”** e **“Ainda não experimentei!”**.
- Registre os números das questões em uma tabela, conforme o modelo abaixo.

Situação escolhida: \_\_\_\_\_

| Tenho facilidade! | Encontro desafios! | Ainda não experimentei! |
|-------------------|--------------------|-------------------------|
|                   |                    |                         |

*Se você tem facilidade em realizar essa prática, anote o número da questão na segunda linha desta coluna.*

*Se esta é uma prática que você busca adotar, mas encontra desafios, registre o número da questão nesta coluna.*

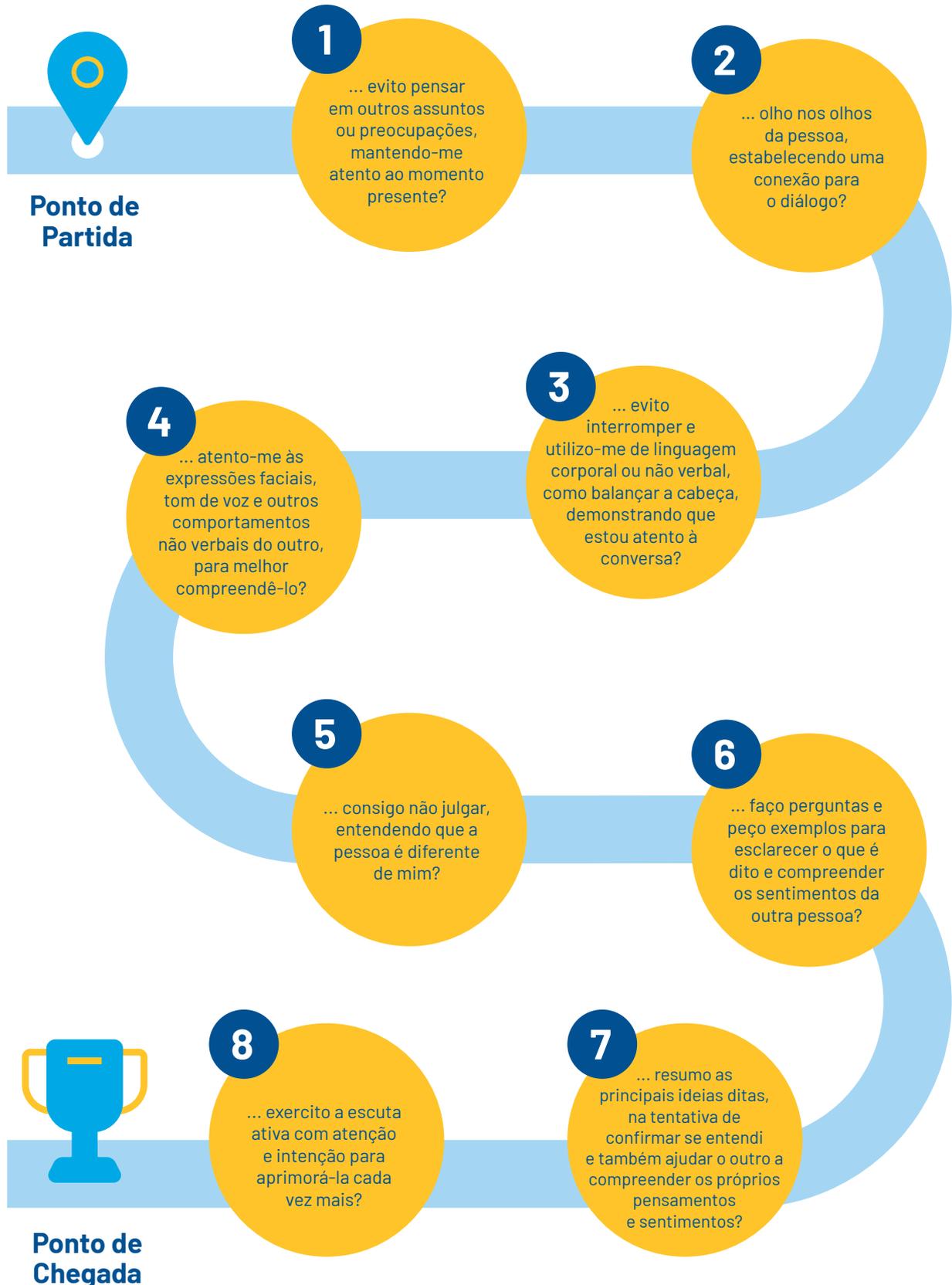
*Se for uma prática que você nunca experimentou, por não conhecer ou por não se sentir confortável, registre o número da questão nesta coluna.*

**Vamos começar?**



## PERCURSO PARA A ESCUTA ATIVA EMPÁTICA

Durante a escuta ativa empática, eu...





## PARA REFLETIR

Parabéns, você concluiu um percurso de autoconhecimento sobre sua escuta ativa empática e conheceu algumas práticas para aprimorá-la! Agora, vamos refletir sobre as suas respostas?

- ✓ **Tenho facilidade:**  
Que bom que você tem facilidade nessas práticas que podem apoiar a construção de relacionamentos mais próximos e generosos com colegas e estudantes e gerar um clima mais positivo na escola. Mas, o que você pode aprender com o que já é bom? E que tal pensar em como apoiar as pessoas próximas a você a também desenvolverem essas práticas?
- ✓ **Encontro desafios:**  
Nem sempre é fácil silenciar nossas vozes e pensamentos internos e focar a nossa atenção no outro, não é mesmo? Porém, quando exercitamos com frequência nossa escuta ativa empática, fica cada vez mais fácil. Por isso, o que você acha de olhar para as práticas que considerou desafiadoras e pensar em como trabalhar para aprimorá-las?
- ✓ **Ainda não experimentei:**  
O que lhe impediu de experimentar essas práticas? Eram desconhecidas ou você não se sentia confortável em exercitá-las? Adotar práticas da escuta ativa empática pode ser difícil, mas contribui para o estabelecimento de relações com maior confiança e respeito na vida profissional e pessoal. Por isso, que tal colocá-las em ação em uma próxima conversa e analisar como contribuem na sua interação com o outro?

Neste jogo, você foi mobilizado a mapear como vem exercitando a **empatia** e o **respeito**, por meio da escuta. A escuta ativa empática é uma ferramenta que contribui para o exercício da macrocompetência **amabilidade** na comunicação. Analisar como você a tem praticado é o primeiro passo para aprimorá-la.

Realizar perguntas, em uma conversa, pode contribuir para compreendermos melhor as emoções e sentimentos do outro e encorajá-lo a falar mais. Veja algumas dicas para formulá-las:

- As perguntas chamadas abertas permitem que a outra pessoa fale. Utilize termos que abram espaço para a reflexão e a análise dos fatos: "Como?", "O quê?", "Por quê?".



### DICAS

- Evite as questões fechadas, que podem ser respondidas com "sim/não" ou que já sugerem uma resposta "certa", pois elas não permitem que a outra pessoa expresse seus pensamentos e sentimentos.

- Fuja de questões que expressem julgamento. Lembre-se de que a sua intenção é apoiar e não julgar.

Veja alguns exemplos de perguntas: "Como você reagiu quando isso aconteceu?", "Quais são as consequências dessa situação para você?", "O que você pretende fazer para resolver esse problema?".



## Atividade 2

### MEMÓRIAS DE UM(A) PROFESSOR(A)

|                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| Objetivo                             | Refletir sobre práticas docentes pautadas na empatia, na confiança e no respeito.  |
| Competências socioemocionais em foco | Respeito, Empatia e Confiança  |
| Recursos e materiais necessários     | Suporte de registro (seja ele um caderno, Diário de Bordo, celular ou computador). |
| Duração prevista                     | 15 minutos   |

As diferentes formas de expressar a amabilidade na prática docente podem estar relacionadas com a sua memória e situações que vivenciou. Tente se lembrar: **Qual professor(a) mais lhe marcou positivamente?** Vamos realizar esse resgate e olhar para essa pessoa tão importante da sua história? Para isso, registre:

- Como era esse(a) professor(a)? O que ele(a) fez para ser tão especial?
- O que você aprendeu com ele(a) que sempre se lembrará?
- Como você se sentia perto dele(a)? O que ele(a) fazia para você se sentir assim?
- Como ele(a) expressava o respeito, a confiança e a empatia nas suas relações com os estudantes?
- Que tal representar essa experiência por meio de um desenho, som, música ou imagem?



#### PARA REFLETIR

Frequentemente, professores que demonstram respeito, empatia e confiança frente às necessidades dos estudantes, cuidando da interação e dos conteúdos a serem aprendidos, em palavras e ações concretas, são aqueles que fazem a diferença e se tornam referências na vida das pessoas com quem conviveram. Foi dessa forma que você se lembrou daquele(a) professor(a) especial?

- Quais competências da amabilidade você identifica nesse(a) professor(a) que lhe marcou tanto?
- Quais ações realizadas por ele/ela que você deseja adotar em sua vida e prática pedagógica?
- Como a lembrança desse(a) professor(a) lhe mobiliza a desenvolver as competências empatia, confiança e respeito?

Para dar continuidade, que tal conversar com professores que você admira e perguntar como eles exercitam a amabilidade em suas práticas docentes?

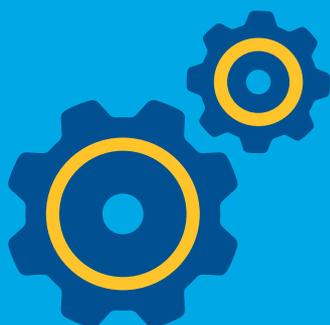
Você acaba de refletir sobre práticas docentes pautadas na **empatia**, **respeito** e **confiança**. Desenvolver essas competências significa investir na sua amabilidade, gerando um maior cuidado e comprometimento com colegas e estudantes e melhorando o clima escolar.

**DICAS**

Você já ouviu falar do dito popular “pequenos nadas que fazem toda a diferença”? São ações simples que, ao serem adotadas no nosso dia a dia, apoiam a construção de relações com maior amabilidade. Veja algumas delas:

- Dar um caloroso bom-dia/boa-tarde/boa-noite ao encontrar pessoas favorece uma maior abertura para interação e um clima positivo para o estudo e o trabalho;
- Chamar as pessoas pelos seus nomes demonstra respeito e reconhecimento às individualidades de cada ser humano;
- Cuidar da comunicação para que seja acolhedora, adotando uma postura receptiva e interessada, promove conexão e reciprocidade entre as pessoas. Um sorriso ou olhar interessado podem fazer a diferença na vida do estudante ou colega de trabalho.

Aproveite para rever o que foi apresentado até agora e **explore o vídeo** que traz os principais tópicos sobre amabilidade.



**A seguir, apresentamos dicas e estratégias para o desenvolvimento da macrocompetência amabilidade com seus estudantes.**



# Como atuar na mediação para que os estudantes desenvolvam essa macrocompetência?

## Orientações gerais

---

A amabilidade no contexto escolar expressa-se principalmente na capacidade do estudante de considerar o bem-estar de seus pares e professores na tomada de decisões e na forma como age. Estudantes com maiores níveis de amabilidade tendem a ter um melhor desempenho na aprendizagem, obter notas mais altas e a ser aprovados no ano escolar com maior frequência.

Especialmente a **confiança** está associada a um maior sentimento de pertencimento escolar, o que favorece a permanência do estudante na escola e pode diminuir as taxas de evasão e abandono. Ao ser capaz de confiar em seus pares e educadores, o estudante tende a perceber seu entorno como um lugar seguro e acolhedor, potencializando seu desenvolvimento e identificação com aquele espaço. Há também associações entre saúde mental e maiores níveis de amabilidade, contribuindo para que, na vida adulta, a pessoa apresente menores indicadores de sintomas depressivos e indicadores mais altos de estabilidade no trabalho.

A amabilidade também está associada a redução de comportamentos violentos como *bullying* e criminalidade. Estudantes com maiores níveis em **respeito** e **empatia** tendem a ser mais aceitos por seus pares e a desenvolver melhores habilidades sociais. Compreender e respeitar as necessidades do outro, colocando-se no lugar do próximo, contribui para que o estudante busque estratégias para mediar conflitos de forma mais justa e benéfica para todas as partes, mostrando-se mais flexível nas negociações, capaz de desenvolver um clima construtivo, manter o equilíbrio entre as relações com pares e buscar a melhor solução.

Atenção! A trajetória de desenvolvimento da amabilidade e das demais macrocompetências não é linear, variando de acordo com a idade dos estudantes e com o contexto no qual cada um está inserido. É importante respeitar a individualidade dos estudantes e a diversidade da turma para o trabalho intencional com as competências socioemocionais.





## Sugestões e dicas para mediação pedagógica

Professor(a), as sugestões e dicas abaixo expressam um caminho inspirador para a sua mediação pedagógica no trabalho com as competências relacionadas à amabilidade. Considerando que você é conhecedor(a) dos contextos locais, das dinâmicas da escola e constrói, na interação com os estudantes, os sentidos da prática educativa, o que apresentamos aqui está aberto a diferentes formas de adaptações e apropriações.

Bom trabalho!

## Amabilidade e mediação pedagógica

### EMPATIA

As práticas pedagógicas para o desenvolvimento intencional da competência empatia são aquelas pautadas na comunicação não-violenta, com escuta empática, e em atividades nas quais os estudantes possam expor o que pensam e sentem. Exercícios de acolhimento, trabalhos em grupo e mediação de conflitos são algumas sugestões que oportunizam intencionalmente o exercício da empatia.

A presença do professor, sua postura de acolhimento e o acompanhamento no desenvolvimento de atitudes de empatia são um diferencial significativo nas relações que estabelece com sua turma. Chamar os estudantes pelo nome e ouvi-los com atenção para buscar entender suas necessidades e sentimentos são exemplos de acolhimento que traduzem gestos de interesse e abertura para o estabelecimento de vínculos. É uma forma de mobilizá-los para atitudes de empatia e fortalecimento das relações interpessoais, e servem como exemplo para a turma sobre o cuidado com o outro.

Outro exemplo de exercício de acolhimento aos estudantes pode ser aquele em que os veteranos recebem os recém-chegados, apresentando-lhes a escola, seus colegas e se colocando disponíveis para ajudar, demonstrando mobilizar a competência empatia como fundamental nas relações entre eles.



Também são valiosas as práticas que estimulam os estudantes a se observarem, de modo a se aproximarem de quem possa estar enfrentando dificuldades e oferecer apoio, reconhecendo que todos fazem parte do processo de aprendizagem e que existe corresponsabilidade entre eles. Atividades em pequenos grupos, duplas ou trios oportunizam que cada estudante experimente diferentes papéis – ser ora o “par avançado”, ora o aprendiz, ora o líder da ação e ora o liderado –, promovendo o compromisso com o desenrolar das diferentes atividades.



#### DICAS

O reconhecimento de emoções básicas, como alegria, tristeza, raiva e medo, oportuniza aos estudantes dos **anos iniciais do Ensino Fundamental** aprender a identificá-las e a lidar com elas em suas relações. Nesse sentido, sugerimos uma atividade em que a turma, dividida em pequenos grupos, recebe imagens de jornais ou revistas com rostos de pessoas que expressem emoções diversas. Peça que os estudantes observem as imagens, discutam entre si e respondam: *“Que emoção esta pessoa parece estar sentindo?”*, *“O que pode ter acontecido para a pessoa estar sentindo esta emoção?”*. Depois, em roda de conversa, estimule os grupos a compartilharem suas respostas com a turma e convide-os a indicarem ações que poderiam potencializar as emoções positivas descritas ou diminuir as emoções negativas. Procure complementar a mediação desse momento com perguntas como: *“Alguma vez você sentiu o que as pessoas das imagens estão sentindo?”*, *“O que você fez ou faria ao sentir algo assim?”*. Aproveite para dividir com a turma situações em que você também vivenciou algum dos sentimentos abordados. Compartilhar suas experiências faz com que os estudantes se sintam mais seguros em contar as deles também. Outra forma de favorecer o desenvolvimento intencional da empatia é possibilitar que os estudantes comuniquem e tenham seus sentimentos acolhidos. Um caminho para isso é utilizar, no momento de entrada na sala de aula, um painel com imagens que permita aos estudantes sinalizarem o cumprimento com o qual desejam ser recebidos naquele dia (abraço, aperto de mão, sorriso e outras formas que vocês definirem juntos ou que sejam possíveis no contexto de aulas remotas). Assim, as crianças expressam como se sentem e como gostariam de ser acolhidas.

Uma forma de mobilizar as competências empatia e respeito com estudantes dos **anos finais do Ensino Fundamental** é por meio de estudos de casos que apresentem conflitos de ideias e formas de compreender uma situação. Apresente para a turma um caso que relate desacordos entre colegas no momento em que realizam um trabalho em dupla. Peça que explorem e analisem os sentimentos presentes e as opiniões de modo a construir uma compreensão mútua da situação. Durante a mediação, você pode trazer problematizações como: *“Por que os colegas se desentenderam?”*, *“Houve situações de injustiça ou intolerância no caso apresentado?”*, *“Conseguem imaginar e entender quais seriam os sentimentos dos estudantes presentes no caso?”*, *“É possível sugerir algum caminho para superar o conflito apresentado?”*. Professor(a), a ideia é abrir espaço para que os conflitos possam ser explicitados e discutidos, estimulando tanto o exercício de argumentação oral como uma possibilidade de se colocar no lugar do outro. É tomar consciência de que os conflitos são necessários para a chegada a acordos e que o caminho para a sua superação não se apoia em agressividade ou violência, mas na compreensão mútua da situação e no entendimento da posição do outro.

A metodologia de estudo de caso também é indicada para os estudantes do **Ensino Médio**. Além de propor a reflexão sobre as inúmeras possibilidades de ação que temos frente a uma situação que vivenciamos no dia a dia, pode ser realizada também uma atividade de debate em sala de aula, em que cada grupo de estudantes deve pesquisar e refletir sobre diferentes pontos de vista de um conflito histórico, em busca de entender cada ponto de vista, o contexto social em que acontece e propor diferentes alternativas para resolução.

É possível continuar exercitando práticas acolhedoras durante as aulas remotas. Em transmissões ao vivo, por meio de ferramentas como o **Google Meet**, por exemplo, você pode cumprimentar individualmente os estudantes, chamando-os pelo nome e enfatizando a importância de estarem ali interagindo. É possível também, via **chat**, enviar perguntas e valorizar as participações.





## Relação com a BNCC

A empatia está bastante presente nas competências gerais 4, 7, 9 e 10 da BNCC. Essas competências gerais dizem respeito a comunicação, argumentação, empatia e cooperação, responsabilidade e cidadania. A competência socioemocional **empatia** é necessária para a compreensão dos sentimentos e necessidades dos outros para oferecer apoio e possibilitar a partilha de informações.

## RESPEITO

É possível vivenciar o respeito desde a mais tenra idade e em todas as relações interpessoais. É fundamental ver a criança ou o jovem por trás do estudante e promover movimentos para que estes vejam os demais por trás da imagem de colega de classe. Isso ressalta o compromisso da educação integral de reconhecer e acolher singularidades e diversidades, em espaços de aprendizagem inclusivos, de não discriminação, de não preconceito e de respeito às diferenças.

Um caminho para demonstrar seu respeito pelos estudantes e oportunizar que eles mobilizem essa competência é por meio da construção de uma comunicação empática e que seja recíproca, não apenas com você, mas com a turma toda.

Em uma relação de respeito entre professores e estudantes, e entre colegas, é apropriada a compreensão de que os tempos de aprendizagem variam para cada um. Para isso, é recomendável que o professor se engaje e promova atitudes e reflexões como:

- Dar condições para que a turma conheça e respeite cada estudante, aceitando e valorizando seus saberes e a várias formas de aprender;
- Propor atividades participativas que possibilitem aos estudantes expressarem suas compreensões de um mesmo assunto por meio de diferentes linguagens. Alguns estudantes se sentem confortáveis com a oralidade em debates ou apresentações, outros dominam bem a escrita e existem aqueles que conseguem demonstrar seus conhecimentos por meio de desenhos, produção de vídeos, fotografias etc.
- Acolher os erros e incentivar a superação deles, assim como reconhecer os pequenos avanços individuais, são atitudes que demonstram valorização às diferenças e desencorajam comportamentos desrespeitosos e intimidadores, que algumas vezes se fazem presentes quando um colega não atinge os objetivos propostos.
- Mostrar-se mobilizado e aberto para novas ideias, incentivando a turma a também conhecer e considerar propostas e opiniões diversas,
- Colocar-se como parceiro do estudante e incentivar que façam o mesmo com os colegas. Para isso, oriente de forma cuidadosa e respeitosa todos os processos de uma atividade ou projeto e ensine aos integrantes de um time de trabalho a apoiar uns aos outros.



Adotar uma postura de respeito para com os estudantes e de estímulo ao respeito entre eles é muito diferente de ser permissivo. É preciso não perder de vista a perspectiva de que o estudante está em formação e que cabe ao professor balizar as atitudes de crianças e jovens, intervindo frente a situações como:

- Faltas e atrasos frequentes.
- Baixo envolvimento em atividades que requerem responsabilidade por suas tarefas e participação ativa nas aulas.
- Atitudes que desconsiderem os sentimentos e direitos dos colegas, do próprio professor, de outros profissionais da escola, pessoas em geral e até mesmo grupos sociais.

As situações de desrespeito que podem ocorrer na turma precisam ser problematizadas e abertas para o diálogo. Não ser omissivo ou permissivo em relação a manifestações de desrespeito aos sentimentos, desejos, valores, direitos, estilos e tempos de aprendizagem, pensamentos, crenças ou tradições dos outros, apresenta-se como comportamento pedagógico, saudável a quem o recebe e modelar a quem o exerce.

Considerando as realidades de sua turma, busque planejar atividades que priorizem o convívio e a integração dos estudantes, promovendo a capacidade de autorregulação do comportamento nas diversas situações que os estudantes vivenciam na escola. Os exemplos a seguir podem ser aplicados em toda a Educação Básica, de acordo com a autonomia dos estudantes:

Para o trabalho com turmas dos **anos iniciais do Ensino Fundamental**, e como forma de estimular a adoção de uma postura de respeito de todos com todos, você pode construir com sua turma o “varal dos comportamentos que quero ter”, no qual ficarão diariamente expostos exemplos de atitudes que dialogam com os combinados escolares. Para a montagem do varal, apresente a proposta aos estudantes solicitando que cada criança desenhe, pinte e/ou escreva um bom comportamento que teve, gostaria de ter ou que observou em algum colega durante as aulas, intervalo ou qualquer outra atividade promovida pela escola. Peça que cada estudante conte sobre os comportamentos que registraram e, no momento em que pendurarem esses registros no varal, promova uma discussão sobre a importância dessas posturas para uma convivência respeitosa. No caso de ensino remoto, os estudantes podem apenas mostrar seus desenhos ou ler suas produções para todos. Ressalte que não se trata de ter um comportamento bom ou ruim, mas sim de compreender que existem vários contextos e para cada um deles temos comportamentos mais adequados. Depois, explique para a turma que, de tempos em tempos, vocês irão revisitar o que está registrado e renovar o varal com novas imagens, sendo uma oportunidade para retomarem conversas sobre a convivência professor-estudante e entre estudantes, identificando as conquistas realizadas e pontos que precisam ser melhor desenvolvidos.



#### DICAS

Convide os estudantes dos **anos finais do Ensino Fundamental** para uma roda de conversa sobre o que é tratar os outros com respeito. Amplie essa discussão questionando: “Vocês concordam com a frase “respeite os mais velhos?”. *Problematize:* “Por que devemos respeitar os mais velhos?”, “É a idade que define quem merece ser respeitado?”, “É recomendado respeitarmos pessoas que têm a mesma idade que a gente ou que são mais novas?”, “Como demonstramos respeito aos mais velhos? E aos mais jovens?”. Ajude-os a significar o exercício da competência respeito como prática que visa a demonstrar consideração pelos direitos e sentimentos dos outros e não apenas como uma regra inquestionável que deva ser adotado por conta do lugar que um adulto, ou outra pessoa com mais idade, ocupa na relação.

Após um debate na escola, ou outro exemplo que possibilite uma análise crítica, converse com as turmas do **Ensino Médio** sobre algumas posturas que demonstraram respeito aos sentimentos, desejos, direitos, crenças ou tradições dos participantes. Ajude-os a perceberem quais são essas posturas citando, por exemplo, que deixar outro debatedor expressar sua opinião sem interrupções e escutá-la cuidadosamente para apenas depois apresentar os seus argumentos e propostas é uma forma de mobilizar a competência respeito.

Assim como na sala de aula física, os ambientes virtuais são espaços em que podemos observar os estudantes colaborando uns com os outros, considerando diferentes formas de pensar e sentir, bem como podemos observar situações contrárias, de conteúdo desrespeitoso ou ofensivo. Por isso é indicado que professor e estudantes, juntos, busquem desenvolver o respeito em prol de uma vivência pautada nele. Sugerimos que as dicas citadas anteriormente estejam presentes na mediação pedagógica também das aulas remotas. Preveja momentos para propor que os estudantes avaliem e reflitam sobre o exercício da competência respeito nas interações que estão tendo com colegas e educadores durante o período de ensino a distância. Acrescente, especialmente ao abordar o contexto de interações virtuais, temas como: respeito à privacidade, respeito à imagem e ao conteúdo produzido pelo outro, *cyberbullying* etc.

## Relação com a BNCC

O respeito está bastante presente nas competências gerais 1, 7, 9 e 10 da BNCC. Essas competências gerais, que abordam conhecimento, argumentação, empatia, cooperação, responsabilidade e cidadania, mobilizam a competência socioemocional **respeito** ao auxiliar no processo de valorizar e se apropriar dos saberes historicamente construídos e da forma como cada indivíduo o interpreta, assim como dá condições para apresentar posicionamentos e debater de forma respeitosa, considerando os valores e pontos de vista do outro, facilitando a convivência e abrindo espaço para atitudes éticas.



## CONFIANÇA

A presença pedagógica é o exercício de interação, abertura, confiança e compromisso do professor com o estudante, o que fortalece o vínculo interpessoal e a mediação de conflitos e da aprendizagem. Para nutrir relações saudáveis de confiança na escola, é importante que professores e estudantes se engajem nessa construção.

Um bom modo de cultivar vínculos é, de tempos em tempos, convidar a turma para uma conversa e retomar alguns pontos importantes para estabelecer relações de confiança. Promover situações como essas favorece a capacidade dos estudantes de desenvolver expectativas positivas sobre pessoas importantes em suas vidas, tanto dentro quanto fora da escola.

Exercitar a competência confiança diz respeito a acreditar que as pessoas próximas são fundamentais para o nosso crescimento, quer seja quando podemos confiar em suas boas intenções e em suas capacidades e seus potenciais para contribuir com nosso desenvolvimento e com o desenvolvimento coletivo, ou mesmo quando precisamos perdoar por terem feito algo errado. Em vez de ser rude e julgar os outros, a confiança nos permite dar outra chance e entender a importância de estar aberto ao fato de que todos erramos e que em algum momento precisaremos retomar processos.

Nesse sentido, problematize com os estudantes: *“Como escolher as pessoas com quem podemos contar e, se necessário, quando devemos dar outra chance para que ela readquira nossa confiança?”*. Mobilizar a competência confiança não significa ser ingênuo, bobo ou fácil de se tirar proveito, mas sim ter o bom senso de reconhecer as pessoas em quem confiar e com quem se pode contar.

Incentive os estudantes a também manterem o diálogo mesmo em circunstâncias de quebra de expectativas que abalem a relação de confiança. É por meio do diálogo que conseguimos acreditar nas pessoas e lhes dar outra chance de melhorar as coisas.

Indicamos a você, professor(a), estabelecer com os estudantes uma relação de confiança e de abertura para o erro. Quanto mais sua postura for transparente, sincera e de preocupação real com a aprendizagem do estudante, maior o grau de confiança que se estabelece nessa relação.

**DICAS**

Para o trabalho com turmas dos **anos iniciais do Ensino Fundamental** é recomendado promover atividades que auxiliem os estudantes a construir uma relação de confiança entre si e com você, professor(a). Estabeleça orientações e combinados para que as crianças possam identificar situações em que o respeito e a confiança foram exercitados e também quando devem, em momentos de resolução de conflitos, conversar com os colegas ou pedir ajuda a um adulto. Proponha uma atividade em que apresente aos estudantes diferentes situações e comportamentos para que eles avaliem cada uma e decidam se devem ou não as reportar a um adulto. Problematize com a turma a diferença entre *avisar* e *pedir ajuda* a um adulto diante de uma situação preocupante ou *conversar* diretamente com o colega para resolvê-la. Para isso, estimule que reflitam e compreendam a diferença entre *avisar* um adulto sobre o comportamento de alguém, no sentido de denunciar ou esperar uma possível punição para o colega, e *comunicar* por uma questão de segurança ou preocupação para evitar que algo ruim aconteça. Nesse momento, enfatize a importância de informar ocorridos que envolvam perigo, injustiça ou que prejudiquem alguém, seja física ou emocionalmente. Sinalize e discuta também que é importante avisar algo a um adulto para pedir ajuda quando achamos que não conseguimos gerir a situação sozinhos. Indique que, muitas vezes, não há necessidade de avisar sobre o comportamento dos colegas, pois é possível conversar com eles para resolver um problema quando ele é mais simples. Aproveite para também estimular os estudantes a identificarem a gravidade daquele problema e questionar sobre quais estratégias utilizariam para resolver esse tipo de conflito.

Nos **anos finais do Ensino Fundamental**, busque promover momentos que propiciem o diálogo entre você e os estudantes e entre eles. Talvez os quinze minutos finais da aula ou o último encontro de cada mês possa ser reservado para o desenvolvimento de ações que construam ou reforcem o vínculo entre vocês. Atividades que criam maior proximidade e favorecem o exercício da confiança podem ser: dinâmicas de grupo e jogos, em que os estudantes precisem se apoiar, ou uma conversa sobre temas de interesse da turma, que mobilizem seus sentimentos e pensamentos.

Demonstrar suas boas intenções, assim como ser capaz de perceber que outros também as têm, favorece o desenvolvimento da competência confiança entre os colegas. Além disso, podemos destacar, como facilitadores desse desenvolvimento, a capacidade de entender e de perdoar aqueles que cometem erros. Compartilhe essas reflexões com os estudantes do **Ensino Médio** e, em roda de conversa, problematize: *“Como vocês podem agir para que as pessoas do seu grupo de trabalho ou do seu convívio como um todo sintam que podem contar com vocês?”*, *“Se um dos colegas da turma acaba se distraindo com algo mais interessante, de que forma vocês agem com esse colega?”*, *“O que uma pessoa precisa fazer para “ganhar” a confiança de vocês?”*, *“Qual a melhor maneira de sabermos em quem podemos confiar?”*. Dessa forma, você propicia que os jovens reflitam sobre a capacidade de desenvolver expectativas positivas sobre as pessoas.



Sem a competência confiança desenvolvida viveríamos em constante medo por não poder confiar em ninguém: não teríamos com quem colaborar, nem poderíamos ter relações estreitas com amigos e família. Sem ela, podemos pensar que os outros esconderam suas intenções ou estão mentindo quando dizem "Sinto muito".

**Durante o período de aulas remotas, promova situações em que a turma elabore colaborativamente combinados para que todos se comprometam com a construção do conhecimento. O contexto de distanciamento social, que interrompeu a relação diária entre a turma e os professores, pede novas formas de fortalecimento de vínculo e exercício da competência confiança. Invista em momentos e ações que propiciem essa reinvenção.**



### Relação com a BNCC

A confiança é bastante mobilizada nas competências gerais 9 e 10 da BNCC. A competência 9 diz respeito a exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação; já a competência 10 versa sobre agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação. Estão intimamente ligadas à competência socioemocional **confiança**, que é essencial para o compromisso com diversas relações e situações que vivenciamos.

## Atividades para os estudantes

Como referência e inspiração para a elaboração de atividades que desenvolvam as competências socioemocionais ligadas à macrocompetência amabilidade, abaixo você encontra o caminho para algumas atividades que estão disponibilizadas no site do Instituto Ayrton Senna.

| Anos iniciais do Ensino Fundamental | Anos finais do Ensino Fundamental            | Ensino Médio                                   |
|-------------------------------------|--|--|
| Como o personagem está se sentindo  | Cuidado em várias dimensões                  | Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima |
|                                     | Cuidados em casa - sustentabilidade off-line |  |

### AVALIAÇÃO DE PROCESSO

Avaliar o processo é sempre importante. Aqui estão algumas perguntas que você pode fazer para entender e melhorar a jornada de desenvolvimento:

#### Participação da turma

- Os estudantes se engajaram e participaram ativamente das ações propostas?
- Os estudantes exercitaram sua empatia de modo a serem capazes de identificar o que pensam e sentem os colegas, tendo atitudes pautadas na comunicação não violenta, respeitando às diferenças e evitando a discriminação e o preconceito?
- As práticas e atividades desenvolvidas facilitaram a proximidade e a convivência entre os estudantes?

#### Desenvolvimento socioemocional

- Como os estudantes veem e praticam essas competências no dia a dia e na escola?
- Os estudantes apresentaram relatos sobre situações concretas que eles vivenciaram nas atividades propostas por você em que a empatia, respeito e confiança foram mobilizadas?

Compartilhe com outros professores da escola e com a gestão escolar sobre suas experiências com os estudantes!



## Para conhecer mais

AS 10 COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC E  
AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS  
Estudo realizado pelo Instituto Ayrton Senna mostra algumas  
relações entre as competências socioemocionais  
e as 10 Competências Gerais da BNCC.

[Acesse o material](#)

A página especial do Instituto Ayrton Senna: Competências socioemocionais para contexto de crise - Informações, estratégias e práticas para famílias e educadores desenvolverem habilidades socioemocionais na educação durante a crise da pandemia Covid-19'

[Acesse o material](#)

## Referências

### (Doi: identificador de conteúdos em ambiente digital)

- Alarcon, G., Eschleman, K. J., & Bowling, N. A. (2009). Relationships between personality variables and burnout: A meta-analysis. *Work & Stress*, 23, 244–263. [doi: 10.1080/02678370903282600](https://doi.org/10.1080/02678370903282600)
- Arghode, V., Yalvac, B., & Liew, J. (2013). Teacher empathy and science education: A collective case study. *Eurasia Journal of Mathematics, Science & Technology Education*, 9(2), 89–99. [doi: 10.12973/eurasia.2013.921a](https://doi.org/10.12973/eurasia.2013.921a)
- Barr, J. J. (2011). The relationship between teachers' empathy and perception of school culture. *Educational Studies*, 37(3), 365–369. [doi: 10.1080/03055698.2010.506342](https://doi.org/10.1080/03055698.2010.506342)
- Bowling, N. A., Beehr, T. A., Johnson, A. L., Semmer, N. K., Hendricks, E. A., & Webster, H. A. (2004). Explaining potential antecedents of workplace social support: Reciprocity or attractiveness? *Journal of Occupational Health Psychology*, 9, 339–350. [doi: 10.1037/1076-8998.9.4.339](https://doi.org/10.1037/1076-8998.9.4.339)
- Cano-García, F. J., Padilla-Muñoz, E. M., & Carrasco-Ortiz, M. A. (2005). Personality and contextual variables in teacher burnout. *Personality and Individual Differences*, 38, 929–940. [doi: 10.1016/j.paid.2004.06.018](https://doi.org/10.1016/j.paid.2004.06.018)
- Cooper, B. (2004). Empathy, interaction and caring: Teachers' roles in a constrained environment. *Pastoral Care in Education*, 22(3), 12–21. [doi: 10.1111/j.0264-3944.2004.00299.x](https://doi.org/10.1111/j.0264-3944.2004.00299.x)
- Cooper, B. (2010). In search of profound empathy in learning relationships: Understanding the mathematics of moral learning environments. *Journal of Moral Education*, 39(1), 79–99. [doi: 10.1080/03057240903528717](https://doi.org/10.1080/03057240903528717)

- Enwereuzor, I. K., Onyishi, I. E., Onyebueke, I. F., Amazue, L. O., & Nwoke, M. B. (2017). Personality as a moderator between emotional exhaustion and workplace deviance among teachers. *Journal of Psychology in Africa*, 27(1), 41-46. doi: [10.1080/14330237.2016.1268290](https://doi.org/10.1080/14330237.2016.1268290)
- Eryilmaz, A., & Ahmet, K. (2017). Comparison of teachers and pre-service teachers with respect to personality traits and career adaptability. *International Journal of Instruction*, 10(1), 85-100. Disponível em <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1125155.pdf>
- Feshbach, N. D., & Feshbach, S. (2011). Empathy and education. In Decety, J. & Ickes, W. (Eds.). *The social neuroscience of empathy*. MIT Press. pp. 85-98. doi: [10.7551/mitpress/9780262012973.001.0001](https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262012973.001.0001)
- Gearhart, C. C., & Bodie, G. D. (2011). Active-Empathetic Listening as a General Social Skill: Evidence from Bivariate and Canonical Correlations. *Communication Reports*, 24(2), 86-98. doi: [10.1080/08934215.2011.610731](https://doi.org/10.1080/08934215.2011.610731)
- Gehlbach, H., & Brinkworth, M. E. (2012). The social perspective taking process: Strategies and sources of evidence in taking another's perspective. *Teachers College Record*, 114(1), 1-29. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/237021580\\_The\\_Social\\_Perspective\\_Taking\\_Process\\_Strategies\\_and\\_Sources\\_of\\_Evidence\\_in\\_Taking\\_Another's\\_Perspective](https://www.researchgate.net/publication/237021580_The_Social_Perspective_Taking_Process_Strategies_and_Sources_of_Evidence_in_Taking_Another's_Perspective)
- Gehlbach, H., Brinkworth, M. E., & Wang, M. (2012). The social perspective taking process: What motivates individuals to take another's perspective? *Teachers College Record*, 114(1), 1-29. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/237021610\\_The\\_Social\\_Perspective\\_Taking\\_Process\\_What\\_Motivates\\_Individuals\\_to\\_Take\\_Another's\\_Perspective](https://www.researchgate.net/publication/237021610_The_Social_Perspective_Taking_Process_What_Motivates_Individuals_to_Take_Another's_Perspective)
- Good, T. L., & Brophy, J. E. (2000). Motivation. In Good, T. L. & Brophy, J. E. (Eds.). *Looking in classrooms*. New York, NY: Longman. pp. 217-267.
- Goroshit, M., & Hen, M. (2016). Teachers' empathy: Can it be predicted by self-efficacy? *Teachers and Teaching*, 22(7), 805-818. doi: [10.1080/13540602.2016.1185818](https://doi.org/10.1080/13540602.2016.1185818)
- Hobfoll, S. E. (1989). Conservation of resources: A new attempt at conceptualizing stress. *The American Psychologist*, 44(3), 513-524. doi: [10.1037/0003-066X.44.3.513](https://doi.org/10.1037/0003-066X.44.3.513)
- Hobfoll, S. E. (2001). The influence of culture, community and the nested-self in the stress process: Advancing Conservation of Resources theory. *The Journal of Applied Psychology*, 50(3), 337-396. doi: [10.1111/1464-0597.00062](https://doi.org/10.1111/1464-0597.00062)
- Jamil, F. M., Downer, J. T., & Pianta, R. C. (2012). Association of pre-service teachers' performance, personality, and beliefs with teacher self-efficacy at program completion. *Teacher Education Quarterly*, 39(4), 119-138. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/f3c0/06d1563e2ddd738a992525c42b898275a47f.pdf>
- Jogovic, I., Marusic, I., Ivanec, T. P., & Vidovic, V. V. (2012). Motivation and personality of pre-service teachers in Croatia. *Asia-Pacific Journal of Teacher Education*, 40(3), 271-287. <https://doi.org/10.1080/1359866X.2012.700044>
- Judge, T. A., Heller, D., & Mount, M. K. (2002). Five-factor mode of personality and job satisfaction: a meta-analysis. *Journal of Applied Psychology*, 87(3), 530-541. doi: [10.1037//0021-9010.87.3.530](https://doi.org/10.1037//0021-9010.87.3.530)
- Khalilzadeh, S., & Khodi, A. (2018). Teachers' personality traits and students' motivation: a structural equation modeling analysis. *Current Psychology*. doi: [10.1007/s12144-018-0064-8](https://doi.org/10.1007/s12144-018-0064-8)
- Kim, L. E., & MacCann, C. (2016). What is students' ideal university instructor personality? An investigation of absolute and relative personality preferences. *Personality and Individual Differences*, 102, 190-203. doi: [10.1016/j.paid.2016.06.068](https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.06.068)
- Kim, L. E., & MacCann, C. (2018). Instructor personality matters for student evaluations: Evidence from two subject areas at university. *British Journal of Educational Psychology*, 88, 584-605. doi: [10.1111/bjep.12205](https://doi.org/10.1111/bjep.12205)

- Kim, L. E., Dar-Nimrod, I., & MacCann, C. (2018). Teacher personality and teacher effectiveness in secondary school: Personality predicts teacher support and student self-efficacy but not academic achievement. *Journal of Educational Psychology*, 110, 309–323. doi: [10.1037/edu0000217](https://doi.org/10.1037/edu0000217)
- Kim, L. E., Jörg, V., Klassen, R. M. (2019). A meta-analysis of the effects of teacher personality on teacher effectiveness and burnout. *Educational Psychology Review*, 31, 163–195. doi: [10.1007/s10648-018-9458-2](https://doi.org/10.1007/s10648-018-9458-2)
- Lawrence, T. B., & Robinson, S. L. (2007). Ain't misbehavin': Workplace deviance as organizational resistance. *Journal of Management*, 33(3), 378–394. doi: [10.1177/0149206307300816](https://doi.org/10.1177/0149206307300816)
- Manusov, V., Stofleth, D., Harvey, J. A., & Crowley, J. P. (2018). Conditions and Consequences of Listening Well for Interpersonal Relationships: modeling active-empathetic listening, social-emotional skills, trait mindfulness, and relational quality. *International Journal of Listening*, 00, 1–17. doi: [10.1080/10904018.2018.1507745](https://doi.org/10.1080/10904018.2018.1507745)
- McAdams, D. P., Jackson, R. J., & Kirshnit, C. (1984). Looking, laughing, and smiling in dyads as a function of intimacy motivation and reciprocity. *Journal of Personality*, 261–273. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1467-6494.1984.tb00881.x>
- McAllister, G., & Irvine, J. J. (2002). The role of empathy in teaching culturally diverse students: A qualitative study of teachers' beliefs. *Journal of Teacher Education*, 53(5), 433–443. doi: [10.1177/002248702237397](https://doi.org/10.1177/002248702237397)
- McIlveen, P., & Perera, H. N. (2016). Career optimism mediates the effect of personality on teachers' career engagement. *Journal of Career assessment*, 24. doi: [10.1177/1069072715616059](https://doi.org/10.1177/1069072715616059)
- Mount, M. K., Barrick, M. R., & Stewart, G. L. (1998). Five-factor model of personality and performance in jobs involving interpersonal interactions. *Human Performance*, 11, 145–165. doi: [10.1080/08959285.1998.9668029](https://doi.org/10.1080/08959285.1998.9668029)
- Olesen, M. H. (2011). General causality orientations are distinct from but related to dispositional traits. *Personality and Individual Differences*, 51, 460–465. doi: [10.1016/j.paid.2011.04.015](https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.04.015)
- Olesen, M. H., Thomsen, D. K., Schnieber, A., & Tønnesvang, J. (2010). Distinguishing general causality orientations from personality traits. *Personality and Individual Differences*, 48, 538–543. doi: [10.1016/j.paid.2009.11.032](https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.11.032)
- Organ, D. W., & Lingl, A. (1995). Personality, satisfaction, and organizational citizenship behavior. *Journal of Social Psychology*, 135(3), 339–350. doi: [10.1037/a0013329](https://doi.org/10.1037/a0013329)
- Peck, N., Maude, S., & Brotherson, M. (2015). Understanding preschool teachers' perspective on empathy: A qualitative inquiry. *Early Childhood Education Journal*, 43(3), 169–179. doi: [10.1007/s10643-014-0648-3](https://doi.org/10.1007/s10643-014-0648-3)
- Perera, H. N., Granziera, H., & McIlveen, P. (2018). Profiles of teacher personality and relations with teacher self-efficacy, work engagement, and job satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 120, 171–178. doi: [10.1016/j.paid.2017.08.034](https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.08.034)
- Pianta, R. C., & Hamre, B. K. (2009). Conceptualization, measurement, and improvement of classroom processes: Standardized observation can leverage capacity. *Educational Researcher*, 38, 109–119. doi: [10.3102/0013189X09332374](https://doi.org/10.3102/0013189X09332374)
- Reeve, J., Jang, H., & Jang, H. (2018). Personality-based antecedents of teachers' autonomy-supportive and controlling motivating styles. *Learning and Individual Differences*, 62, 12–22. doi: [10.1016/j.lindif.2018.01.001](https://doi.org/10.1016/j.lindif.2018.01.001)
- Robinson, S. L., & Bennett, R. J. (1995). A typology of deviant workplace behaviors: A multidimensional scaling study. *Academy of Management Journal*, 38(2), 555–572. doi: [10.2307/256693](https://doi.org/10.2307/256693)
- Roorda, D. L., Koomen, M. Y., Spilt, J. L., & Oort, F. J. (2011). The influence of affective teacher-student relationships on students' school engagement and achievement: a meta-analytic approach. *Review of Educational Research*, 81, 493–529. doi: [10.3102/0034654311421793](https://doi.org/10.3102/0034654311421793)

- Rosenberg, M. B. (2006). *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora.
- Senler, B., & Sungur-Vural, S. (2013). Pre-service science teachers' teaching self-efficacy in relation to personality traits and academic self-regulation. *The Spanish Journal of Psychology*, 16(e12), 1-20. doi: [10.1017/sjp.2013.22](https://doi.org/10.1017/sjp.2013.22)
- Shen, X., & Zang, W. (2012). The effect of temperament on emotion regulation among chinese adolescents: the role of teacher emotional empathy. *International Education Studies*, 5(3), 113-125. doi: [10.5539/ies.v5n3p113](https://doi.org/10.5539/ies.v5n3p113)
- Sims, C. M. (2016). Do the Big-Five Personality Traits Predict Empathetic Listening and Assertive Communication? *International Journal of Listening*, 00, 1-26. doi [10.1080/10904018.2016.1202770](https://doi.org/10.1080/10904018.2016.1202770)
- Swider, B. W., & Zimmerman, R. D. (2010). Born to burnout: A meta-analytic path model of personality, job burnout, and work outcomes. *Journal of Vocational Behavior*, 76, 487-506. doi: [10.1016/j.jvb.2010.01.003](https://doi.org/10.1016/j.jvb.2010.01.003)
- Üstüner, M. (2017). Personality and attitude towards teaching profession: mediating role of self efficacy. *Journal of Education and Training Studies*, 5(9), 70-82. doi: [10.1114/jets.v5i9.2536](https://doi.org/10.1114/jets.v5i9.2536)
- van Gils, S., Van Quaquebeke, N., van Knippenberg, D., van Dijke, M., & De Cremer, D. (2015). Ethical leadership and follower organizational deviance: The moderating role of follower moral attentiveness. *The Leadership Quarterly*, 26(2), 190-203. doi: [10.1016/j.leaqua.2014.08.005](https://doi.org/10.1016/j.leaqua.2014.08.005)
- Warren, C. (2017). Empathy, teacher dispositions, and preparation for culturally responsive pedagogy. *Journal of Teacher Education*, 69, 1-15. doi: [10.1177/0022487117712487](https://doi.org/10.1177/0022487117712487)
- Warren, C. A. (2013). The utility of empathy for White female teachers' culturally responsive interactions with Black male students. *Interdisciplinary Journal of Teaching and Learning*, 3(3), 175-200. Disponível em <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1063074.pdf>
- Warren, C. A. (2014). Towards a pedagogy for the application of empathy in culturally diverse classrooms. *The Urban Review*, 46(3), 395-419. doi: [10.1007/s11256-013-0262-5](https://doi.org/10.1007/s11256-013-0262-5)
- Warren, C. A. (2015). Scale of Teacher Empathy for African American Males (S-TEAM): Measuring teacher conceptions and the application of empathy in multicultural classroom settings. *Journal of Negro Education*, 84(2), 154-174. doi: [10.7709/jnegroeducation.84.2.0154](https://doi.org/10.7709/jnegroeducation.84.2.0154)
- Warren, C. A., & Lessner, S. (2014). "Who has family business?" Exploring the role of empathy in student-teacher interactions. *Perspectives on Urban Education*, 11(2), 122-131. Disponível em <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1044080.pdf>
- West, R., & Turner, L. H. (2010). *Understanding Interpersonal Communication*, 2nd Edition. Boston: Cengage Learning.

—  
**institutoayrtonsenna.org.br**  
—